

Sarā

no.  
15







# SARÃ

DIREÇÃO

WLADÉMIR DIAS PINO

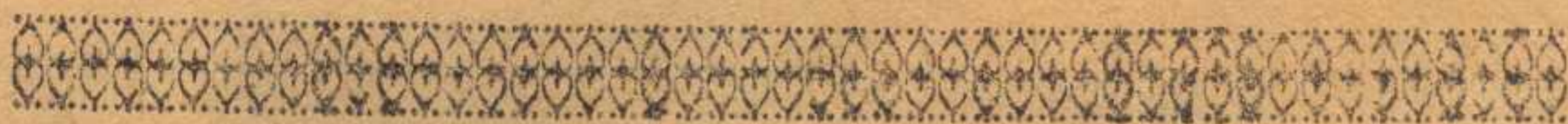
RUBENS DE MENDONÇA

OTHONIEL SILVA

REDAÇÃO: Rua Pedro Celestino, 387 -- CUIABÁ -- MATO GROSSO

SETEMBRO

---



SARÃ ganha um novo formato, hoje,

Como tudo que se renova, é de "acreditar-se" que  
êle aparece mais entusiasmado.

A renovação é uma especie de ressurreição.

—o—

Com uma vontade de repetir para convencer: foi  
a utilidade quem deu ordem.

—o—

Assim, poderá ser encadernado, mais tarde, em  
formato cômodo de livro, além da leitura mais facil e o  
agrado que, por certo, os anunciantes terão com o for-  
mato "asseado" dos anuncios.

Agora uma coisa—propositadamente deixamos pa-  
ra ponto final—SARÃ continuará sendo: uma tentativa  
de modernismo.





Castro Alves, por generalidade, só não foi um intensivista completo, a nosso ver, porque tinha

«brancura» das lágrimas brilhantes e frageis. Exuga com ondas as ondas de lágrimas.

Em Castro Alves há muito disso. A poesia d'ele é o preto e o branco e pra e-

# CASTRO ALVES

aquela maravilhosa mensagem social pra nos revelar. Teve que usar a métrica e a rima pra agra-

Exuga com uma ne-grura de olhos a lágrima de meu pai, irmã. Exuga com o vento negro de teus cabelos,

xemplo está êsse mesmo poema do qual usando dois versos acima: Mocidade e Morte—a certeza do que Deixará-

# E INTENSIVISMO

dar à época e, quando menos, não surgir um descontentamento prejudicial ao efeito profundissimo de suas palavras.

agora, o vento dessa tempestade em meu pai: a lágrima. Exuga escondendo a lágrima de um homem. Exuga com os cabelos pra depois solta-los

de-ser e a Certeza--do--que--Acontecerá. «Mas, uma voz responde-me sombria: Terás o sono sob a lagea fria.»

O desperdicio de ideias de difícil compreensão, talvez tenha sido o pior drama do poeta.

## escreveu: WLADÉMIR

O sono (quem sabe? o sem limite)

A sua poesia precisava ser sentida e compreendida, ao mesmo tempo.

ao vento, como a sombra diuma pegada cobrindo a semente do consolo. Deixe morrer, minha irmã, a vaga que veio do Distante, da FONTE, do Sensível, numa praia negra.

te), o intocavel sob o PESO da lagea, talvez branca, fria, Resposta Sombria?

«Escuta, minha irmã, cuidosa exuga. Os prantos de meu pai nos teus cabelos.»

Dai, irmã, leito pro suor da dôr que vem cansada.

«Ver tudo fundo... só na lousa um nome Que o viandante a perpassar consome.»

Exuga com essa maciez de carinho—a maciez de sombra — a

O preto e o branco— contrastes e paralelos— é quasi tudo no Intensivismo.

Um nome, como a sombra do corpo que desapareceu junto a vida--Os que passam--os Desconhecidos.

O Jogo está nos dois  
CONTINUA NA PAG. 17



# "ENTRELINHAS (30<sup>a</sup>.)"

-Silva Freire-

.....

Dentro daquela visão fantasmagórica,  
eu a ví na similhaça indócil  
de zangadas ondas,  
marulhando a cada frêmito de sua brava cabeleira  
ao rebelar-se contra o paladar do vento revoltado...

.....

Não era nada e era tudo ao mesmo tempo,  
o desespero apavorante do tufão,  
para agarrar a bela forma em vibração agoniada  
e confundí-la, num hibridismo "sui generis",  
à grotésca pulsação marinha...  
— Afogá-la no desejo polímorfo  
de figuras odiondas e,  
doar á universalidade dos efeitos raros,  
a perfeição risonha do meu sonho inacabado,  
que era o seu próprio sonho arquitetado: -ENDEUSA-LA!

- Rio, 14/8/51



# DIVÓRCIO

OTHONIEL SILVA

Um crepúsculo matinal espraia-se pelo firmamento da consciência brasileira, no tocante à debatida questão do divórcio, num país como o nosso, de elevado índice analfabético e enraizado nas várias crenças religiosas, as quais, com raríssimas exceções, somente têm embotado o desenvolvimento duma mentalidade sadia e coerente—bem orientada no sentido de melhor servir à coletividade.

Com os rumores consecuentes do projeto de autoria do deputado Nelson Carneiro—na Camara Federal—já podemos fazer um cálculo bem aproximado das aspirações de um povo, representado pelas suas elites que não podera mais se conformar com a condição estacionária e imutável de alguns princípios e leis, os quais, para outros povos—felizmente mais adiantados—de há muito foram objetos de reformas radicais, devido exclusivamente à impraticabilidade desses princípios e leis, numa época em que o Homem procura desvencilhar-se dos preconceitos oriundos dos tempos idos, quando ele se encontrava em estado embrionário quanto aos conhecimentos da realidade da Vida.

Naturalmente que se justifica a reação de certas correntes, contra o estabelecimento no Brasil, duma Lei saneadora do enredo moral em que vivermos: da angústia e prejuízos que acarretam o viver sob a penumbra nojenta das aparências; dos choques resultantes das incompatibilidades de sentimentos; do horror e medo pela crítica insensata daqueles que desconhecem os "porquês" causadores da derrocada de um Lar; desses mesmos que cegamente condenam o que não sabem, para em seguida se tornarem vítimas idênticas àqueles que peioraram; enfim, duma infinidade de conseqüências que tiveram causas e razões concretas.

A reação dessas correntes ainda se justifica pelos interesses econômicos, sociais e religiosos, vinculados cega e estupidamente ao ciclo vicioso do "deixa es-

tar, para vêr como fica..."

Entretanto, a maioria dos que procuram reagir nêsse sentido, pode-se classificar em egoístas desenfreados, porque as esquecem (propositalmente) que os demais têm o direito de pensar e agir dentro dum critério de relativa liberdade.

O ponto básico que os anti-divorcistas brasileiros têm tomado como fortaleza, é a antiquíssima chapa do "esfacelamento da família". Cabe-me assim, uma importante pergunta:—A BASE DA ESPÉCIE HUMANA, isto é, a CÉLULA FAMILIAR, ou seja A FAMÍLIA, na Inglaterra, França, Norte-América, Suíça, Alemanha, Uruguai e em muitas outras nações adiantadas, terá sido esfacelada pelo Divórcio???

Também, a FÉ RELIGIOSA haverá sucumbido ou desmorenado os seus alicerces, pela existência do Divórcio nesses países???

Si êsses dois principais esteios—Família e Religião—dois arraigados a divorcistas não sofrerem alterações na estrutura, muito menos os outros princípios terão sido atengidos.

O deputado Nelson Carneiro, vem obtendo o apoio geral—tanto daquelas pessoas que venham a ser beneficiadas pela Lei do Divórcio, como igualmente de inúmeras outras que não precisam de tal advento; notando-se isto em tôdas as camadas sociais, religiosas e não religiosas.

Justamente estão incluídas, naquelas pessoas que não precisam, os intelectuais de nomeada, juizes, advogados, sábios cultores da justiça, pensadores e todos aqueles que possuindo uma visão mais fecunda e de alcance superior, não subordinam os seus ideais e conhecimentos, aos interesses inferiores de alguns grupos que, conhecendo intimamente a fragilidade da chamada "indissolubilidade, do casamento", nada mais fazem do que corromper de forma concreta, essa qualidade impe-

CONTINUA NA 17ª. PAG.



# PORTAS

**P**ENSA em teu gesto de abrir a porta, qualquer, terás, sempre um desejo. Além da porta tudo poderia existir, e abrimos, incansavelmente abrimos. Ora um triangulo de luz fere a sombra, ora ela nos invade. Porém, sempre é menos cruel que a porta lisa, silenciosa, tudo escondendo, talvez a tua morte, talvez a alegria que esperas, uma traição, ah! com frequencia receiamos que as portas nos traíam e o gesto então se torna

*José P. M. da Fonseca*

sofrego, ás vezes, inconsciente, te parece que a propria porta que se abriu, mas sempre queres a resposta, não poderias permanecer o que és.

1  
0-0

## COMPREENSÃO

Compreender, é dar ao pedinte a esmola que desejarias te dessem, se fosses pedinte. É saciar a fome das almas. É fazer o júbilo alheio, até com uma gota de pranto. É ser divino, porque é ter coração. É sentir a emoção da eternidade, porque é totalizar. É excluir, pela intenção de ajudar, o próprio antagonismo do que se ajuda. É, às vezes, mentir, para salvar a verdade e aparentar o mal, para redimir o bem. É mais do que ajudar: é ajudar, e é dar-se para ajudar. É mais do que salvar: é salvar, e fazer tudo para que a salvação se não perca.

Compreender é ampliar os caninhos da vida, para que todos se reunam na eternidade!

JOÃO ANTONIO NETO



# Poesia de Portugal

## MOMENTO QUASI MUSICAL

Uma luz de sol foge num horizonte distante,  
Num rumor de passos que regressam passa,  
Uma sombra alonga-se por tudo e pelas almas,  
Um som morre desconhecido e longinquo,  
Uma brisa levíssima traz a lembrança de um ido  
entardecer,  
E desfolha-se uma flôr sem vento e sem contacto...

*Alberto Serpa*



## Cont. do DIVORCIO

riosa da verdadeira união de homens e mulheres que conseguiram dominar os ímpetos de dissolução do Lar — reconhecendo a necessidade do devotamento mútuo pelo elevado desprendimento do Sêr na vida comum, livre das peias de leis estabelecidas apenas para o convívio ultrajante das aparências e satisfação duma dissolvente hipocrisia.

Os sábios filósofos e psicólogos desde remotas épocas, têm sobejamente confirmado as palavras do MEIGO NAZARENHO: — “Amai-vos Uns Aos Outros...”, porém pela sua aplicação essencialmente superior aos desejos dos instintos materiais.

Portanto, essas palavras—o mais realistas dos axiomas—no âmbito matrimonial, tem um sentido incomensuravelmente distinto, quando elas conseguem alcançar o âmago das criaturas, radicando-se totalmente sem as necessidades das injunções de assinaturas em papeis de cartórios. etc., etc..

Quando não conseguimos esclarecer e reconhecer o verdadeiro fim do AMOR DA VIDA—isento de embustes e subordinado aos preconceitos fictícios—de nada adiantará submetê-lo ao sacrifício das paixões consequentes daqueles preconceitos. E os resultados sã estão:—o lodacal da prostituição; mercado de carne humana; balcão de consciência; fábrica de degene-

ração da espécie; válvula de escape da vergonha; catacumba de vivos-mortos; sargeta da sociedade; sumidouro de tudo que melhor poderia ser aproveitado; escárneo dos moralistas de superfície, principalmente de vários que se banqueiam com os lucros do meretrício; enfim, a mulher jogada como peçonha ou peste contagiosa, ao filtro da loucura e depravação, simplesmente pela insensatez do que está nos códigos, feitos por homens que aparentemente são HOMENS, mas, realmente monstros que pensam.

Posteriormente os argumentos de que se valem os contrários ao divórcio, para alicercarem as suas defesas estão baseados em fontes duma tradição várias vezes secular e que também possuem os seus motivos intrinsecamente razoáveis diante do panorama geral a que nos habituamos contemplar, dêsse os primeiros acontecimentos conhecidos do Mundo.

Entretanto êsses argumentos—si vistos e analisados sob o prisma que exclue as paixões violentas dos interesses de algumas correntes do pensamento nacional—terão forçosamente de ceder uma brecha para que os encaixe a parcela suficiente dos motivos que contrariam tais argumentos, mais pelo direito de aparecer e firmar um modo de vida bem compatível no paralelo do desenvolvimento das leis atuais que nos envolve, do que, pelo prazer de ferir êsse ou aquêle princípio.

Cont. CASTRO ALVES

Cont. BOLERO

*Alencastro Luiz  
Alves*

versões

—Árabe errante, vou  
dormir à tarde

À sombra fresca da  
palmeira erguida»  
que deram motivo a  
resposta “mas uma voz  
responde”...

Enfim:

Adeus!... arrasta-me  
uma “voz sombria.”  
Já me foge a razão  
na noite fria!...

Do livro inédito: Castro Alves  
—poema por poema—

mais dr. Eusébio descia pe-  
lo braço do comissario, o  
olhar esgaziado e remoto,  
os ombros desaprumados,  
a barba de três dias em-  
pretando-lhe o rosto ca-  
vado e macilento.

Querendo parecer grata  
dona Eulália sugeriu um  
cafézinho. O comissario re-  
cusou. Tinha outros afa-  
zeres. Manso e firme, to-  
mou do braço do louco,  
instalou-o na caminhonete.  
Uma vez também aboletado,  
começou a assobiar, e  
o louco logo o imitou. As-  
sobriavam o Bolero.

Ocorreu no dia 3 do p.pas-  
sado no Rio de Janeiro o  
infausto falecimento do a-  
cademico de Direito Alen-  
castro Luiz Alves, filho do  
nosso particular amigo Sr.  
Alencastro Maria Alves e  
de D. Amelia de Arruda  
Alves.

O jovem extinto que iria  
concluir no corrente ano o  
curso de Direito e era fun-  
cionario de destaque da  
Prefeitura do Distrito Fe-  
deral, era casado com D.  
Nair Pinto Alves.



## Continuação de O Bolero

tratamento da doidice através da música, creio que a musicoterapia.

— O homem está louco, senhor comissário, louco varrido! -- insistia dona Eulalia. Quer uma prova? -- E dona Eulalia orientou o fone no sentido do primeiro andar. A música inundou o aparelho. Do outro lado, o policial diagnosticou:

— E o Bolero, sem dúvida. Majestoso, não, minha senhora? Então, até às dez horas. E desligou.

Dona Eulalia voltou aos afazeres, mais sossegada. A lei estava de seu lado. Era esperá-la. Enquanto isto, as horas iam pingando do relógio, e com elas, monotonos e firmes, os compassos do Bolero. O ritmo largo e obstinado descia as escadas, entrava pelos quartos, passava à sala de jantar, inundava a cozinha. No alpendre onde se refugiara, a moça Ernestina largava o crochê, apertava as têmporas entre as mãos, choramingava:

— Fico louca, meu Deus, fico louca!

A hora do jantar, dona Eulália participou a boa nova:

— A polícia vem buscá-lo as dez horas; está tudo combinado.

A notícia caiu no vácuo. Coube a moça Ernestina, mergulhando sem entusiasmo a colher na sôpa, exprimir a tensão geral:

— Estou que não posso. Primeiro temos um doido em casa; agora temos a polícia. Que vida?

La em cima, presidindo

a tudo, o Bolero seguia pleno e abismal. Dona Eulalia mandou ligar o rádio, queria desempestiar o ambiente carregado. Um samba ligeiro, quatro anúncios de sabonete e a seguir a voz do locutor:

— Ouviremos, agora, o Bolero do imortal Ravel...

Doze pares de mãos, sôfregas e assassinas avançaram para o botão, e esmagaram-no entre os dedos. Dona Eulalia advertia:

— Não quebrem o rádio!

A moça Ernestina, magra e fina, gania alto:

— Fico louca, meu Deus! Fico louca.

Alguém convidou:

— Vamos à praia?

A praia aquela hora era sossêgo e silêncio, brisa fresca e, em matéria de música, o ricochetear sereno e doce das vagas nas penédias. Mas ninguém arredou pé. Todos queriam ficar, sofrer até ao fim o suplício que lhes fora imposto; e, por que não? gozar como justos a recompensa final que Jerônimo, o olho acêso numa ponta de satismo, interpretou muito bem:

— Acha que a polícia vai desancá-lo?

— Cruzes! seria uma judiciaria protestou dona Eulalia. O homem está doido, basta prendê-lo.

O comissário chegou pontualmente à hora aprazada. Dona Eulalia o introduziu na sala, fêz as apresentações, guiou-o até o pé da escada:

— O primeiro quarto à esquerda.

— A senhora não sobe?

— Fico aqui; o homem pode estar furioso.

— Qual nada! Música não enloquece ninguém. E subiu.

Em baixo, a expectativa era agora maior, vencia a música. Ouviram bater pancadas na porta do quarto, novas pancadas, um rumor de chaves experimentadas na fechadura. Depois vozes, e por fim, sereno e anistiador, os compassos do Bolero. Os hóspedes entreolhavam. Torcendo as mãos, a moça Ernestina arriscou uma hipótese tremenda.

— Vá vê que são os dois, agora.

Não era. Com pouco

Continúa na pag. anterior

### Escritório FARIA

— D E —

#### NATHANAEL NONATO DE FARIA

Agente exclusivo em todo o Estado das Companhias PATRIA — Companhia Brasileira de Seguros Gerais—Incendio, Transporte, Automoveis, Assidentes Pessoais, Resp. Civil e Aviões

MERIDIONAL — Companhia de Seguros e Acidentes do Trabalho

Divide-se o premio em prestações anuais

Rua Candido Mariano, 536 esq. com a Praça da Boa Morte

—Fone 381—Caixa Postal n. 119—CUIABÁ—MATO-GROSSO



A utilidade do silencio requer mais inteligencia do que a eloquencia das palavras.

W. D. PINO

Onde o amor cabe a amizade passa raspando.

W. D. PINO

O infurtunio obscurece o mundo visível e nos abre aquela visão interior pela qual se vê o invisível.

A. VINET.

A palavra foi criada pela preguiça de fazer gestos.

W. D. PINO

E' a surpresa causada pela advercidade que desperta em nós essa excessiva e irritavel sensibilidade que exagera os nossos males e nos impede de tirar-lhes proveito. O mesmo golpe que abate o homem que o não esperava, tê-lo-ia soerguido caso ele o previsse.

JACQUES MARTIN

## PENSAMENTOS

Cada novo combate é um passo ba. a a vitória.

F. LOBSTEIN

A fé torna tudo possível; o amor, tudo facil.

AD. MONOD.

### *Ambiente Artístico Cuiabano*

Realisou-se a 3 do corrente, no Centro Artístico e Musical de Cuiabá, a esperada audição de piano, pelas alunas da Professora Dunga Rodrigues. A sala principal e outras dependências do Centro, não comportaram a seletíssima assistência que delirou de entusiasmo, sob a sonoridade das execuções, através do piano, pela agilidade e maestria das mimosas mãos de juventude pianística cuiabana.

Nas duas horas de sublime encantamento, podemos verificar a existência de um ambiente artistico-musical, expresso no idealismo da organizadora e de suas jovens discipulas.

Sobressairam, a nosso vêr: — Irma Lotufe em TRISTESSE — estudo n. 3 de Chopin; Maria Luiza Cuiabano Miraglia em CONCERTO N. 1—de Tschaiikovsky; Seme Stéphan em POEMA—de Fibich; Marieta Bussil em SARAGOÇA --- de Carman; e Maria Augusta Soares Campos em CHANSON—estudo n. 1 ---de Burgmuller.

Nossos sinceros parabens à Professora Dunga Rodrigues e suas dignas pupilas.

Um sorriso, muitas vezes, cobre mais que milhares de mantos.

W. D. PINO

A dôr é conforme nós a fazemos.

ENG. BESSIER

Se não duvidas de tua alegria ela é, na verdade, a mais completa das realidades.

W. D. PINO

O desenlace nada significa se, ao mesmo tempo, se estabelecem novos laços.

A. VINET

Olhando e compreendendo o mundo atraz das grades de suas rugas.

W. D. PINO

### *Noivado*

Contratou casamento no dia 12 de agosto último, na Capital federal, a sra. Nedy da Silva Freire nossa colaboradora e filha do sr. Raulo Rodrigues Freire e da saudosa senhora D. Joana Eufrosina da Silva Freire, com o sr. João Candido Salles, filho do sr. Francisco Alvarenga e da senhora D. Júlia Alvarenga, residentes em S. Paulo.



# Caderno de Poesia



## Siriri

O RANCHO parecia está pegando fogo, vermelho de tanta poeira levantada que se refletia na luz do lampião!

A negrada batia o pé no chão  
dançando o Siriri,

Fedia suor e fedia cachaça . . .

Um preto cantava uns verso acompanhado  
[de uma viola de coxo e cracaxa.

O galo cantou três vezes.

Quando o Sól veio nascendo a festa terminou  
[numa bagunça horrível.  
Numa facada.

Foi até preciso intervenção da polícia . . .

*Rubens de Mendonça*



# TUA MORTE

À MEMÓRIA DE MINHA  
ADORADA MÃE

Vendo-te, minha mãe, branca e fria,  
Na bela imobilidade da morte,  
Senti no peito uma dôr sombria,  
E rindo invejei a tua sorte.

Voaste para longe, para a luz!...  
Desprezando as ilusões da vida,  
E fugiste das torturas da cruz,  
Que trazias, nos ombros, em ferida.

Estou feliz por ver que estás em paz;  
Que o descanso, em ti, já se refaz;  
E que as dores já tiveram um fim.

Estou feliz por ver que já não choras,  
E que tudo se consumiu em horas...  
Porque na Morte tens a Luz, enfim!

*Luiz Pereira Lemos*



# Garôa e Sól

Vi, atravez da neblina  
a silhueta transparente  
de uma grandesa  
iluminada!

Não era concreta  
por ser impalpável!  
não era abstrata,  
pela sua existênciã!



Seriam meus sonhos?  
Talvez, meus desejos?!  
Ou eras tú  
que revivias?

O Sól - tirano insensível,  
roubava-me o êxtase,  
de novamente esquecer!

*Othoniel Silva.*



# INTROSPECÇÃO

Trazendo-me inquietação  
O debater de grandes ondas  
Ao mar da imaginação  
Algo de aspecto imponente  
Serenó, frio, indifirente  
Como um fantoche sigó-lhe cegamente  
Deixando-me dominar  
Uma paz interior, uma serenidade...  
E a vontade de atenar  
As espanções intosico, insaciáveis  
Avessas à realidade  
Que a imaginação está sempre a criar  
Enquanto as duas se batem  
Nessa luta titanica  
A me maltratar  
Observando-me  
Tenho pena do mar  
O corabate constante  
Das ondas sem parar.

RUTH RORDER

## POEMA

TE PEDIR PERDÃO NÃO POSSO  
TE AMAR NÃO POSSO NÃO  
O QUE POSSO ENTÃO FAZER  
SE NÃO ME DAS TEU CORAÇÃO?

QUANDO TIVERES SAUDOSO  
TU' ME DIRAS UM DIA  
LEMBREMOS D'AQUELLA ROSA,  
QTE MORREU,... NADA FAZIA.

*Ivone Haidamus*



# POEMA

A preocupação de me seguir  
agora que estou sendo arrastado  
pelos olhos  
como se alguém me puchasse pelos cabelos..,



Noto uma tristeza,  
como um ser que se nota estranho  
núma dança...

O caminho diante dos lábios  
tem o destino d'uma seta  
atirada sem rumo...

Estou sendo arrastado pelos olhos,  
porém aquele que me ver distante  
será o que me verá mais preso  
na paisagem

WLADEMIR DIAS PINO



# Construtora Comércio Ltda.

UMA ORGANIZAÇÃO ESSENCIALMENTE CUIABANA, A SERVIÇO DE MATO-GROSSO

Construções civis em geral. Projéto. Venda de material de construções. R. Antônio Maria N. 58

Cuiabá

Mato-Grosso

**O** BRAÇO de pick-up mergulha na superfície polida e negra do disco, a melodia inunda o aposento. A agulha já foi trocada mil vezes, o disco começa a ficar farruco, cavado nos bordos como terra revolvida. Mas a música, dorida e monocórdia, prossegue:

— Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá...

Ontem, segunda-feira, o vizinho de cima deu parte à senhoria — e mudou-se. Agora (é noite e faz calor) os moradores do térreo abandonam a casa, ruído da porta. Aparentemente para ir tomar fresco. Mas quem sabe que rogam ao Bolero?

Enquanto isso, na casa às escuras, a agulha roe devagar o disco rouco, e o Bolero cumpre o seu ofício: lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá...

Tudo começou há três dias, e com uma carta. O carteiro gritou — "Correio!" e dona Eulália, que atendera, recolheu a carta.

— Para o dr. Eusébio — informou a moça Ernestina, que acudira ao grito do carteiro, supondo ser para ela a carta, e do amorado.

Subiu as escadas, empurrou o envelope por baixo da porta do dr. Eusébio. Este dormia, pois que já passasse das 10 da noite.

A música começou à hora do almoço. A princípio,

## O BOLERO

baixinho, quieta, normal. Quando dona Eulália chamou para o almoço e os hóspedes se arrumaram em torno da mesa comprida, a música ascendia plena e gloriosa no quarto do dr. Eusébio. A hospedeira tinha, senão filosofia, certa moça de experiência:

— Nem só de cozido vive o homem; é deixá-lo tocar.

E a música seguiu, larga, clara, vigorosa. E com

guejavam ou ameaçavam seguir o exemplo do transfuga.

Previendo maiores sucessos, dona Eulália armou-se de autoridade, subiu as escadas, bateu no quarto do hóspede melomaniaco.

— Dr. Eusébio, esta música, veja-se da um jeito; os hóspedes reclamam o barulho...

Como resposta veio do interior do quarto uma lufada de sons — lá, lá, lá. Era o bolero. Dona Eulália

## Conto de Homero Homem

ela e almoço e o lanche, quando dona Eulália fêz nova investida:

— Dr. Eusébio, o lanche! Como resposta, colheu uma rajada farta, quase agressiva de Bolero. Dona Eulália desistiu, foi cuidar dos afazeres. Veio a noite, que cumpriu a sua obrigação e foi embora. Com pouco chegou a manhã, que cedeu lugar à tarde. E o bolero prosseguia, impávido como um navio, rasgando trevas e luzes. A criada começou a resmungar. O hóspede do primeiro andar, como já disse, mudou-se sem mais palavra. Os demais ora riam daquela excentricidade, ariscando hipóteses, ora pra-

experimentou ficar furiosa:

— Dr. Eusébio, a perder outros hóspedes, prefiro perde um só. O senhor por que não se muda?

— Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá... rangeu o disco, e a dona Eulália pareceu que com pouco caso. Desceu furiosa, ligou para a delegacia:

— Sr. comissário, tenho um hóspede que não para de tocar música há três dias. O senhor não pode dar um jeito?

Enfuzado com a pequenês da queixa, a autoridade fêz pirraça:

— Nenhuma, minha senhora; se a música é boa é deixá-lo tocar; se não é, faça-o munar de disco.

— Mas, senhor comis-

sário, trata-se de uma música diabólica, que está pondo todo o mundo doido lá em casa.

— Que música toca o seu hóspede, minha senhora? insistiu o comissário. Era sócio do O. S. B. Começava a ficar interessado.

— Um tal de Bolero...

— De Ravel? Adoro-o. Sujeito de bom gosto. Deixe-o tocar. E o comissário fêz menção de desligar.

Dona Eulália oscilava entre o desespero e a lição. Optou por esta:

— Eu também gosto de música fina como o doutor. Mas trata-se dos hóspedes, que não têm nenhum gosto, e reclamam. Depois, o senhor compreende, há nível incomodar os vizinhos depois das dez horas.

— Bom, assim, o caso muda de figura — concordou o comissário a contragosto. Têmo-lo enquadrado como transgressor do do sossêgo público.

— Isso mesmo, doutor. E então?

— É deixá-lo tocar até às dez horas. A partir desta hora, mesmo se tratando de Ravel, é proibido.

— Mas o homem está louco! O senhor não poderia providenciar agora mesmo?

— Música nunca enlouqueceu ninguém, minha senhora — disse judiciosamente a autoridade. a completou: existe até um

CONTINUA NA 13ª PAGINA

Carpintaria Leão

Carteiras para escolares

Moveis tipo DASP

Madeiras para construção

Carpintaria Leão